

Do ser se segue Deus? Considerações sobre a filosofia sistemático-estrutural de Lorenz B. Puntel

RESUMO

Apresentaremos basicamente a metafísica sistemático-estrutural de Puntel, mostrando como nela Deus é derivado da noção de ser, para posteriormente defendermos a ideia de que ser e Deus não devem ser confundidos. Utilizaremos a tese de Markus Gabriel que mostra a impossibilidade de o domínio de todos os domínios existir e a compreensão da ambiguidade fundamental do ser na filosofia de Walter Benjamin. Segundo Gabriel, as filosofias do todo geram uma duplicação ontológica: a totalidade reproduz-se no interior de si mesma, não havendo nunca a determinação do domínio último. Já Benjamin propõe que não há um sentido absoluto de ser, mas múltiplas maneiras de compreender e combinar seus sentidos. A decisão de permanecer na fugacidade do ser leva a seguinte definição de metafísica: um discurso geral cujo objetivo não é um determinado sentido da realidade, mas a origem da própria pluralidade de sentidos - o ser. O ser, então, deve ser entendido como um nome para uma facticidade que, por sermos finitos, não conseguimos superar e esgotar teoricamente. Ser, portanto, não deve ser confundido com Deus. Ele não é o fiador transcendente, mas um conceito que de todo modo se impõe quando queremos pensar o mundo e os entes.

Palavras-chave: Ser; Deus; Metafísica; Lorenz Puntel; Walter Benjamin; Markus Gabriel.

ABSTRACT

It will be basically presented the systematic-structural philosophy of Puntel, showing how in it God is derived from the notion of being, to posteriorly defend the idea that the being and God must not be confused. Markus Gabriel's thesis will be used which shows the impossibility of the domain of all the domains exist and the

* Mestre e Doutor em Filosofia pela PUCRS. Professor substituto na UFFS, Campus Erechim.
Email: ricardo.forno@uffs.edu.br

comprehension of the fundamental ambiguity of the being in the philosophy of Walter Benjamin. According to Gabriel, the philosophy of the entire generate an ontological doubling: the totality reproduces in the interior of itself, never having the determination of the last domain. Yet Benjamin proposes that there is no absolute sense of being, but multiple ways of comprehend and combine your senses. The decision to remain in fugacity of being leads to the following definition of metaphysical: a general discourse which objective is not a determined sense of reality, but an origin of the own plurality of the senses – the being. The being, then, must be understood as a name for a facticity that, because we are finite, we can not overcome and deplete theoretically. The being, therefore, must not be confused with God. He is not the transcendent guarantor, but the concept that is imposed in every way when we want to think the world and the loved ones.

Keywords: Being; God; Metaphysics; Lorenz Puntel; Walter Benjamin; Markus Gabriel.

Lorenz B. Puntel: A metafísica sistemático-estrutural do Ser

(Primeiro ato. Primeira cena. Heinrich. Isabelle. Sala do Trono).

Heinrich: Eu sou o rei.

Isabelle: Eu sou a rainha;

Heinrich: Eu posso e quero.

Isabelle: Vós não podeis, e nem deveis querer.

Heinrich: E quem me impedirá?

Isabelle: Eu, que to proíbo;

Heinrich: Eu sou o rei.

Isabelle: Sois meu filho.

Heinrich: Embora vos respeite como minha mãe/ bem sabeis/ que sois apenas minha madrasta. Eu quero-a

Isabelle: Não a tereis.

Heinrich: Eu digo: quero-a

(Filidor. *Ermelinde oder Die Viermahl Braut*)

A filosofia sistemático-estrutural de Lorenz Puntel pretende ser a articulação de um quadro teórico filosófico capaz de articular teoricamente de forma clara, rigorosa e adequada a questão do ser como tal e em seu todo. No seu principal livro, *Estrutura e Ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*, o autor não pretende menos do que desenvolver uma filosofia de caráter sistemático radical capaz de propor uma teoria geral sobre a realidade em seu todo, o que, segundo o autor, equivale a fazer uma teoria do ser (PUNTEL, 2008, p. 9). A primeira vista Puntel parece ser um daqueles jogadores de futebol do qual não conseguimos roubar a bola sem cometer falta. Ele já parece suportar todas as possíveis críticas e sem trapacear parece que não podemos objetar-lhe nada. Devido a essa enorme dificuldade de se objetar algo a Puntel, vamos aqui primeiro apresentar basicamente alguns aspectos de sua teoria sistemático-estrutural.

O necessário para entender Puntel com alguma competência não é pouco. Ele exige nada menos do que: um bom conhecimento de grandes períodos da

história da filosofia, uma fluência nos temas e nas teorias filosóficas contemporâneas, sobretudo na filosofia analítica, e conhecimentos mais do que elementares em lógica moderna e, em certa medida, em matemática. É evidente que não possuímos aqui quase nada do que é necessário para entender o filósofo. Do que se trata então? O próprio Puntel nos encoraja: "Declarar de antemão que tal formação da teoria não é possível constitui uma afirmação irrelevante e dogmática. O que vale é a tentativa" (PUNTEL, 2008, p. 9). Podemos dizer, não sem algum receio: mesmo que não dominemos tudo aquilo que é necessário para entender completamente o autor, podemos, pelo menos, entender o processo operatório em que ele está. O que vale é a tentativa.

Puntel não pretende apenas pensar as coisas, mas ele quer integrá-las numa unidade sistemática. Essa concepção global de realidade quando abordada de forma sistemática, possui duas características básicas: a completude da temática e as conexões entre todos os componentes temáticos. O objetivo de filósofo, então, é recuperar esse caráter sistemático da filosofia e elaborar uma teoria que se ofereça como o quadro referencial teórico adequado para se pensar a dimensão que engloba todas as coisas: sujeitos, caixas de fósforo, enunciados analíticos. Ela se oferece como nada menos do que uma teoria transparente da totalidade da dimensão primordial do ser.

O livro *Estrutura e Ser* não pretende apenas elaborar mais um quadro referencial teórico em meio a uma pluralidade de quadros teóricos na Filosofia. Ele pretende, para além disso, propor o melhor quadro teórico possível hoje para uma filosofia sistemática (PUNTEL, 2008, p. 11). Com a noção de "quadro referencial teórico" Puntel introduz a ideia de que qualquer afirmação que façamos em Filosofia, que qualquer concepção ou teoria que tenhamos, só faz sentido, isto é, só tem um status determinado e claro, na medida em que se encontra situado em meio a um quadro teórico. Isso quer dizer que, antes do tratamento de qualquer questão filosófica, temos de ter uma linguagem, uma lógica, uma semântica, conceitos ontológicos fundamentais, etc. claros e definidos (OLIVEIRA, 2012, p. 64). Em outras palavras: temos que ter clareza de todos os componentes que utilizamos ao fazer Filosofia. Podemos dizer, então, que, segundo Puntel, na Filosofia ou se joga num universo com consistência teórica ou se escreve textos que até são bonitos, mas que possuem pouca ou nenhuma resistência filosófica. Temos, na Filosofia, que tomar decisões, e não apenas dizer as coisas de um jeito bonito. Aqui entra a importância do quadro referencial teórico.

Filosofia que para Puntel se distingue de outras atividades humanas por ser fundamentalmente teórica. A Filosofia, segundo essa tese do autor, tem um discurso não pragmático, ao contrário dos manuais de biologia e dos avisos que deixamos colados na geladeira para nossa colega de apartamento. A Filosofia não tem nenhuma finalidade prática imediata, tendo como específico apenas a sua dimensão expositiva. Ela é a forma de discurso teórico rigorosamente ordenado que se expressa através de sentenças puramente declarativas, como na forma de "é o caso que...". A Filosofia, então, se articula precisamente na esfera da linguagem, sendo a linguagem, por isso, um elemento irrenunciável do quadro teórico sistemático-estrutural.

Concebida como empreendimento teórico, a Filosofia não é estética, nem ética e nem política. Sua função é tão somente a comunicação teórica. Na Filosofia,

segundo Puntel, partimos de sentenças teóricas que afirmam algo ("é o caso que..."). Partimos, então, de proposições. São sentenças primas, sem sujeitos e predicado, que explicitam através do operador teórico "é o caso que..." uma proposição prima que, se verdadeira, é idêntica a um fato primo do mundo. Assim a Filosofia é capaz de expressar o mundo em suas estruturas fundamentais.

Devemos poder distinguir teorias filosóficas de contos de fadas. A linguagem natural, por ser uma linguagem de comunicação com objetivos da vida cotidiana, não é completamente desenvolvida em sua dimensão indicativa, devendo, assim, ser superada por meio de uma linguagem filosófica mais acurada. O operador teórico da filosofia é extraído da *Tractatus* de Wittgenstein e tem a forma de "é o caso que...". Esse seria, segundo o autor, o operador teórico mais fundamental e universal. Nesse caso, um enunciado é verdadeiro quando diz que as coisas se comportam de tal maneira e as coisas de fato se comportam de tal maneira.

Na introdução de *Estrutura e Ser*, Puntel esboça uma "quase definição" de sua Filosofia estrutural-sistemática: "Teoria das estruturas universais do universo do discurso ilimitado" (PUNTEL, 2008, p.12). Todos os termos dessa quase definição são explicados. A expressão "universo do discurso" foi introduzida por Morgan e pretende representar o domínio irrestrito de objetos, que abrange completamente tudo o que pode ser tematizado. A dimensão do universo do discurso irrestrito é aquilo que é dado para ser compreendido e explicado pela Filosofia. É, de certa forma, seu objeto, sua temática específica. Ela diz respeito a tudo que é possível de um tratamento filosófico. De acordo com a tese da "expressabilidade da realidade", Puntel garante que essa tematização irrestrita é possível por meio de uma linguagem também irrestrita.

Outro conceito fundamental da quase definição de Puntel é o de "estrutura". Esse conceito é extraído da matemática e diz respeito à conexão ou mútua relação ordenada de elementos de uma região, entidade, processo, etc.. Da estruturalidade se segue a negação do simples e da falta de ligação. Esse conceito pretende ser o fator primeiro de qualquer empreendimento teórico.

O universo do discurso contém diversos níveis de estruturas. Aqui a Filosofia surge como a ciência universal porque é capaz de abarcar as estruturas universais do universo do discurso. A tarefa fundamental da filosofia sistemática, portanto, é a de articular a estruturalidade. A noção de ser anuncia uma conectividade última, uma interconexão de todas as conexões da dimensão estrutural, onde as estruturas são especificadas e concretizadas. Portanto, a dimensão do ser, em Puntel, pressupõe esses três elementos básicos já comentados: a linguagem, o universo do discurso e a estrutura.

Puntel, então, passo a passo, em um procedimento que tomou como ponto de partida as entidades simples, determina a dimensão chamada de "universo do discurso", introduzindo sempre novas designações, tais como "mundo", "universo". Por fim chega a expressão "ser", como a estruturalidade de todas as estruturas ou a interconexão de todas as interconexões. "Ser" seria a expressão mais adequada para designar de forma determinada o universo do discurso ilimitado.

O autor lembra que Heidegger, criticando a fenomenologia de Husserl, mostra que há uma dimensão que abrange sujeito e objeto. Essa dimensão Heidegger chamou de "ser". No entanto, o ser de Heidegger foi dividido por Puntel

em dois: o ser objetivo, que corresponde ao ser dos entes e o Ser primordial, que abrange todas as coisas, inclusive o ser objetivo. Nas palavras de Puntel:

Aqui não se confere à expressão "Ser" nenhum outro significado do que aquele que resultou como o estado de coisas elaborado a partir das análises feitas até aqui: *a interconexão absolutamente universal ou a interconexão de todas as interconexões*. Dito de outro modo: a dimensão absolutamente universal ou a dimensão originária é a unidade de dimensão teórica e universo irrestrito do discurso. Fora dessa dimensão originária não há nada de imaginável, concebível, tematizável, etc. (PUNTEL, 2011, p. 186).

Ser é concebido aqui como a dimensão universal que abrange o mundo, o ser objetivo e também os sujeitos teóricos. A questão que se colocou foi: essa unidade ou dimensão abrangente e original pode ser encarada como um tema explícito na formação da teoria filosófica? Segundo Puntel: essa tematização não só é possível, como também necessária. Para o autor, essa grande possibilidade ou tarefa faz parte das potencialidades do espírito humano. É o que faz o autor, que passa a tematizar explicitamente a dimensão do Ser primordial como a unidade original e mais abrangente. Isso significou fazer uma teoria do ser entanto tal e em seu todo. Puntel denomina a tematização da dimensão primordial do Ser de "sistemática compreensiva", que é a dimensão mais profunda e fundamental da metafísica, pois diz respeito a interconexão de todos os campos do universo e de suas estruturas específicas. A metafísica é, então, a "Teoria do Ser Primordial", isto é, a teoria da dimensão fundamental onibrangente.

Markus Gabriel e Walter Benjamin: mitologia e incompletude

E se o mundo, a realidade, o ser, ultrapassar a nossa capacidade de entendê-lo? E se, por mais longe que possamos ir nessa questão, algo sempre nos escapar? E se o ser for mais do que aquilo que é dito e compreendido pela metafísica estrutural-sistemática? A Filosofia não é capaz de dizer do que são feitas as estrelas e as flores, porque então ela seria capaz de dizer do que é feito o ser ou Deus?

O filósofo Markus Gabriel levanta uma série de questões importantes para vermos os limites de uma postura filosófica que pretende dar conta do "domínio de todos os domínios". O autor diz o seguinte:

Se existir é existir como objeto no interior de um domínio, i.e. se a existência de uma coisa pressupõe que ela seja possível de determinação, então o domínio de todos os domínios não pode existir. Caso contrário, ele seria um objeto dentro de um domínio e não seria portanto o domínio de todos os domínios porque teríamos formado um nível mais abrangente do domínio de todos os domínios, contendo o suposto domínio de todos os domínios (GABRIEL, 2012, p.33).

Segundo Gabriel, as filosofias do grande todo não podem escapar do fato de que as várias formas que elas representam o grande todo ocorrem no interior do próprio todo, ocorrendo, assim, uma duplicação ontológica: a totalidade reproduz-se no interior de si mesma. Assim, se o domínio de todos os domínios existir,

entramos necessariamente em um regresso ao infinito. O raciocínio é o seguinte: Tudo o que existe, existe dentro do Ser primordial, ou de Deus (o domínio de todos os domínios de Puntel). Então, se o Ser primordial existe (no sentido de poder ser determinado, como pretendeu Puntel), ele precisa existir dentro de si mesmo. Portanto, dentro do Ser primordial existem, entre outras coisas, cadeiras, mesas, rinocerontes, teses filosóficas, o Puntel e o próprio Ser primordial. Por sua vez, dentro desse novo Ser primordial existem, entre outras coisas, cadeiras, mesas, rinocerontes, teses filosóficas, o Puntel e novamente o Ser primordial. Dentro desse terceiro Ser primordial também há, entre outras coisas, cadeiras, mesas, rinocerontes, teses filosóficas, um outro Puntel e um outro Ser primordial. Podemos ir ao infinito.

Isso quer dizer que não há como determinarmos o domínio de todos os domínios no interior de uma linguagem proposicional, mesmo aquela do tipo "é o caso que...". O domínio de todos os domínios, Deus, o Ser primordial, portanto, não pode ser referido dentro de uma filosofia sistemática sem com isso perder o seu estatuto ontológico de grande todo. É impossível, assim, uma explicação da totalidade do ser que seja suscetível de verdade. Toda forma de representação do ser enquanto tal e do ser em seu todo precisa ser compreendida como um evento do e no interior do próprio ser. Há como que um cordão umbilical que enraíza nossos empreendimentos teóricos no mesmo ser que pretendemos explicar sistematicamente.

Essa inconsistência dos sistemas que pretendem dizer o ser em seu todo deve ficar claro: algo que deveria ser subordinado ao sistema parece abranger e dominar o próprio sistema. E então qualquer gesto sistemático totalizador de fechamento acontece possibilitado por algo que não pode ser constituído pelo próprio gesto. A intenção de total fechamento, de se obter um sistema completo, plenamente determinado, sempre fracassa porque ela acaba sempre se dando dentro da dimensão que pretende englobar. Isso levou, ainda no século passado, o filósofo alemão Walter Benjamin a uma crítica às filosofias com pretensões sistemáticas:

Na medida em que a filosofia é determinada por esse conceito de sistema, ela corre o perigo de acomodar-se num sincretismo que tenta capturar a verdade numa rede estendida entre vários tipos de conhecimento, como se a verdade voasse de fora para dentro (BENJAMIN, 1984, p. 50).

O que Benjamin fez não foi tanto negar que em Filosofia façamos textos lógicos e sistemáticos, mas mais fazer uma crítica à ilusão da transparência. O que ele fez foi principalmente fazer referência a algo que escapa nas construções lógicas e sistemáticas. Significa afirmar que de alguma forma somos insuficiente para sermos totalmente transparentes e para dizermos sistematicamente esse âmbito que já sempre pressupomos. Há uma derrota, há algo que sempre limitará nossas investidas teóricas. Algo sempre sobra, sempre resta, nas construções sistemáticas.

É como se, para Benjamin, aquilo que as filosofias sistemáticas deixassem de fora, ao construir seus sistemas teóricos, fosse filosoficamente mais importante do que aquilo que elas são capazes de construir. O que o filósofo faz ao mostrar os limites da transparência das filosofias sistemáticas é enfatizar o exce-

dente de sentido do ser. A compreensão do ser, por essa razão, não pode ser reduzida a um modelo de discurso filosófico. Benjamin lança o sujeito filosófico num processo de compreensão que ele não controla e tampouco inicia. O sujeito, dessa forma, vê frustrada a sua suposta capacidade de comandar a si mesmo e o mundo de forma transparente. Para teatralizar essa condição humana frágil e limitada, Benjamin lança mão do conceito de "criatura" que ele elaborou em seus estudos das peças do *Trauerspiel*.

Benjamin ao introduzir o conceito de *Kreatur*, que é buscado nas peças barrocas, coloca a condição humana como o lugar da ambivalência, da historicidade, da falta, da incompletude. A condição de abandonado e de derrotado da criatura, incapaz de um retorno a Deus, a motiva a um constante recomeço na tentativa de compreender o ser. Sua própria incompletude e precariedade são incentivos para seu perpétuo começar de novo na busca pela dimensão do ser. A criatura, então, encontra na alegoria uma energia nova para a recuperação do sentido. A alegoria, assim, se apresenta em Benjamin, em razão da fragilidade da criatura, como o último apelo do ser.

Com a noção de alegoria, o filósofo pretendia libertar o ser para a sua pluralidade de significações. A alegoria, não mais aprisionando o ser em um sentido único em sistemas filosóficos, se apresenta como uma crítica contra uma posição de pensamento linear do ser, para uma alternativa de pensamento em desvio (*Umweg*). A alegoria tem como sua vantagem, coisa que a noção de sistema não possui, a flexibilidade do universo da imagem, o que lhe dá uma elasticidade para chegar mais longe na apresentação da pluralidade de sentidos resultante da compreensão do ser.

A alegoria, portanto, permite uma investigação filosófica mais apurada do local do sentido, do esconderijo do significado, isto é, do ser. O recurso à alegoria torna o filósofo apto a contornar a multiplicidade de significados em que se dispersa o ser. Se Benjamin usa a alegoria para fragmentar o ser, é porque sabe que é no plano da indefinição que ele se dá ao sentido. A alegoria possui a flexibilidade operacional para recuperar a dimensão do ser para o pensamento. Ela está apta para apontar para a pluralidade das ocorrências em que o ser se dá. Assim, a alegoria, para Walter Benjamin, possui a chave do jogo de desvelar e encobrir do ser.

Com suas ideias de criatura e alegoria, Benjamin nos convida a levar a nossa incompletude muito mais a sério do que supõe uma postura sistemática: é impossível uma teoria completa do ser precisamente porque não há um sentido absoluto de ser. Há infinitas maneiras de compreender o ser e de combinar seus sentidos. Aqui entra o método benjaminiano, que ele chamou de "mosaico". Essa postura filosófica é motivada pela experiência da fugacidade do ser. Simplesmente o ser enquanto tal e em seu todo não possível de ser tornado "transparente" seja dentro de qual quadro teórico for. Se existe essa condição de fugacidade do ser, que não pode ser superada, então deve ter prioridade uma linguagem filosófica que não se reduz a anunciados lógicos. Benjamin recorreu à linguagem alegórica. As apresentações alegóricas dizem sempre algo mais do que o que aparece na superfície e assim apontam para asse dimensão que não pode ser explicitamente referida.

Por enquanto, voltemos para Puntel. Dito tudo isso, o que podemos dizer que Puntel fez? Alguém inventa um belo gesto, um grande sistema, uma nova forma de dizer o todo. Como se traduzir isso? Um momento do ser? Uma expressão de

uma impressão do sem expressão? Pode ser uma nova imagem do mundo ou uma nova compreensão do ser. É faz de conta, mas como todo faz de conta: faz sentido. A vida não parou porque Puntel apreendeu ser e Deus num sistema. O mundo continua. Pessoas com olhos e mãos, a lua no céu, casas, cachorros, crianças e filósofos continuam.

Markus Gabriel elaborou o conceito de "mitologia constitutiva" (GABRIEL, 2012, p. 23) para se referir as tentativas de se romper com o pano de fundo da condição humana e de se propor um sistema de crenças proposicionalmente estruturado situado fora da dimensão que se pretende tematizar. É sempre como que uma tentativa de nomear o vazio. Mas esse vazio que é nomeado não pode ser definido nem enquanto "vazio". Trata-se de algo que não pode ser capturado no interior de nenhum domínio e que nenhuma linguagem, por mais universal que seja, como aquela do "é o caso que...". Há sempre um conjunto de pressuposições inacessíveis que governa o discurso sobre este ou aquele domínio do mundo. Quando tentamos determinar uma linguagem clara, livre de pressupostos, para falarmos corretamente do domínio de todos os domínios, como fez Puntel, geramos pressupostos de um nível mais abrangente que governam essa linguagem clara e precisa, de modo que jamais seremos capazes de criar uma metalinguagem plenamente autotransparente capaz de dizer o domínio de todos os domínios.

Precisamos, no entanto, defendermo-nos da ameaça da indeterminação absoluta. Para fugir da indeterminação absoluta os homens criaram as narrativas mitológicas sobre a origem do mundo. Todas as narrativas desse tipo procuram fazer coincidir a linguagem e o absoluto tendo como garantia alguma ordem superior que se supõe determinar a linguagem a partir de fora. É algo muito parecido o que acontece com Puntel. Nossas teorias sobre o ser em seu todo fazem parte do mundo. Nossos sistemas de crenças não são entidades transcendentais que ocupam um espaço distinto do que aquele espaço ontológico que pretendemos descrever com a linguagem filosófica "é o caso que...". Sendo assim, qualquer sistema de crenças sobre o ser enquanto tal e em seu todo cria uma "mitologia" que possibilita a predicação do ser.

Quando propomos um quadro teórico, geramos um conjunto de suposições de fundo (uma mitologia) que estabelece as condições para haver necessidade dentro desse quadro teórico. Essas pressuposições não são acessíveis dentro desse quadro teórico. Não há um quadro teórico completamente consistente e a linguagem, a lógica e a ontologia que utilizamos depende da decisão prévia de escolher o quadro A ao quadro B. A consistência de um quadro teórico pressupõe que se feche os olhos para uma série de coisas que não podem ser explicadas dentro de determinado quadro. Devemos sempre levar em conta que a diversidade de dados sempre ultrapassa a coerência finita e disponível em determinado quadro referencial teórico.

Em outras palavras, não pode haver um quadro teórico e uma linguagem adequada para se pensar o ser porque ele é compatível com mais do que uma descrição e não é possível uma metalinguagem definitiva. Cedo ou tarde nos depararemos com os limites do quadro teórico e encontraremos o sem fundo de toda fundamentação. Sendo assim, não há quadro teórico ideal para se pensar o ser e todo quadro teórico irá se desintegrar em algum momento. Toda reflexão sistemática é limitada porque ela é gerada pelo ser e não o contrário.

Todo quadro teórico permite afirmações dotadas de sentido e verdadeiras no interior de si mesmo. No entanto, todas as crenças resultantes de um quadro referencial teórico se mostrarão mitológicas se o quadro teórico o for. Mas é simplesmente impossível propor um quadro teórico para tratar a questão do ser em seu todo sem gerar uma nova mitologia. Se tentarmos dar conta das condições mitológicas de dado quadro teórico, apenas geramos um discurso que tem seu próprio pano de fundo e que é, por isso, outra mitologia. O ser não será dado para nenhum quadro teórico. Mesmo a teoria sistemática de Puntel, por mais rigorosa e competente que seja, não pode negar que se move num terreno completamente instável, quando queremos superar gera aquilo que Gabriel chamou de mitologia. Assim tudo o que conferimos necessidade dentro de um quadro teórico é contingente num sentido mais amplo porque o quadro teórico ao qual deve sua determinidade não pode ser por si mesmo necessário. O ser é, portanto, condição de possibilidade da necessidade, mas não podemos dizer que ele é necessário, como fez Puntel, porque isso criaria uma outra mitologia contingente.

Puntel tenta explicar logicamente aquilo que é pré-lógico e, assim, gera um discurso mitológico. O autor não dispõe, e nem poderia dispor, de ferramentas pré-lógicas dentro de seu quadro teórico e então não pode dar conta da dimensão do ser enquanto tal e em seu todo. O ser não é uma origem no sentido de ser um princípio. Ele é mais um abismo, um sem fundo (*Ungrund*). É aquilo que dissolve toda ontoteologia e ao mesmo tempo torna possível qualquer ontoteologia. É aquilo que precede todas as construções sistemáticas e que só pode existir como pano de fundo, sem qualquer possibilidade de ser passado para o primeiro plano numa linguagem proposicional. É a falta de sentido primordial da nossa existência, que não podemos tornar completamente inteligível por meio de qualquer combinação de sentido. Ele recua sempre para esse fundo, escapa a nossa apreensão, precisamente porque queremos apreendê-lo e passá-lo para o primeiro plano.

Devemos aceitar que se o ser existe ele deve permanecer necessariamente incompleto e disperso, assim como foi tratado por Benjamin com a noção de "alegoria". Alegoria, finitude, limites da transparência, incompreensão, rastro, são condições necessárias para uma correta compreensão do ser como abertura para um domínio no interior do qual nossas investidas teóricas se dão. É indefensável qualquer sistema filosófico que pretenda articular a dimensão do ser de forma clara e objetiva que tente excluir os seus limites e a sua possibilidade de falhar. O ser, como já foi mostrado, não pode ser descrito sem que fracássemos. Não há formulação sistemática definitiva dessa dimensão de nossa finitude porque qualquer pretensão desse tipo implica um contraditório recurso à infinitude.

Considerações finais

Os limites da transparência e a ciência procurada

"Que sentido teria fazer um enunciado científico ou filosófico sobre algo se esse "algo" ou esse todo não fosse expressável?"

Isso seria completamente absurdo."

Lorenz B. Puntel

"O homem pergunta."

Karl Rahner

Vimos que apelo sedutor do método sistemático repousa em algo que não se sustenta: o ser não se esgota no que é descrito sistematicamente. Nem sempre afastar-se o máximo possível de nossas perspectivas pessoais nos conduzirá inevitavelmente à verdade do ser. Qualquer teoria relacionada com ser, significação e linguagem inevitavelmente envolverá crenças mais amplas e profundas sobre a condição do ser e do homem. Não se trata de lamentar que assim seja. Trata-se de entender que é impossível escaparmos de certo narcisismo quando fazemos metafísica. No momento em que a nossa capacidade de pensar volta-se para si mesma e para o ser, tentando esmiuçar as suas condições de possibilidade, é simplesmente impossível que tenhamos um completo êxito. Isso se dá essencialmente porque só podemos contar com nossos próprios recursos. Não podemos examinar o nosso ser com a distância neutra de um venusiano. Nossas reflexões metafísicas, por seus próprios limites, portanto, nunca nos levarão completamente ao objeto desejado.

Não há um paralelismo perfeito entre ser e linguagem. Essa falta de um perfeito paralelismo resulta em múltiplas teorias filosóficas. Há algo que não pode ser dito absolutamente e que, no entanto, constantemente queremos dizê-lo. É justamente por isso que existe uma História da Filosofia. Nossa existência no mundo nunca é algo que podemos apreender como um objeto concluído. Ela é sempre algo problemático, que abre possibilidades novas. E isso equivale dizer que o ser humano é constituído pela história do ser. Mas o ser não é meio pelo qual nos movemos, como um barquinho de papel que é arrastado pelas águas do rio. Ele é um conceito estrutural da própria vida humana, um vazio, uma falta, do qual o homem é feito, conceito que, por mais problemático que seja, sempre usamos para pensar os entes do mundo.

Puntel acreditou que se acrescentasse uma pitada de historicidade aqui ("meu quadro teórico não é o único possível"), uma dose de fenomenologia ali (desde que apenas o suficiente para não comprometer a retidão e a clareza do sistema) estaria livre destes embarços. Em oposição a essa postura filosófica, temos Walter Benjamin que nunca pretendeu contrapor as teorias filosóficas existentes uma teoria sua, que pretendesse ser mais aceitável.

Walter Benjamin contrapõe às teorias filosóficas tradicionais e às contemporâneas não outra teoria, mas um tipo diferente de discurso. O específico da forma de discurso benjaminiano é mostrar essa outra dimensão, que a forma sistemático-estrutural não é capaz de dar conta. Isso significa um passo atrás da tentativa sistemática. É um permanecer na questão do ser. Isso leva à uma definição de metafísica que diz que ela é um discurso geral cujo objetivo não é este ou aquele sentido da realidade, mas a origem da própria pluralidade de sentidos da realidade, isto é, o ser. A metafísica, enquanto a ciência procurada, não busca o sentido pleno da realidade, mas sim o vazio que suporta todos os sentidos: o ser.

Posto a incapacidade de a Filosofia todos os sentidos do ser, ela aceita usar descrições, alegorias, imagens, para mostrar como são gerados os múltiplos predicados do ser. O metafísico pode oferecer ao filósofo sistemático esse modelo generativo do sentido, essa lógica mitológica do ser, que é o princípio de qualquer sistema filosófico. Então a metafísica como ciência procurada tem como tarefa não o de dar razões de por que se deve aceitar tal e tal ontoteologia, ou de por que tal explicação deve ser aceita, mas sim de mostrar como se tornou possível que tal

ontoteologia tenha surgido e se tornado aceitável. Trata-se da constante busca pelas marcas de uma imensa disposição operante, disposição que nos permite elaborar argumentos, teses e obras e sistemas na Filosofia.

Existe uma “lógica” do significado do ser. É certo que não a conhecemos bem. Podemos até perguntar de que “conhecimento” ela pode ser objeto. Podemos, pelo menos, tentar uma aproximação. É disso que se trata a ciência procurada. Dispomos, mesmo que provisoriamente, de elementos que nos permitem mostrar esse lugar. Sabemos que não podemos dizer esse lugar definitivamente porque, na verdade, ele é uma ausência. O que quer que digamos em metafísica sobrará sempre, como momento primeiro, para ser dito a dimensão primordial do ser.

Estamos sempre firmemente instalados no interior do mundo que esperamos compreender, tão amplamente constituído por ele que o ato de envolvê-lo em um sistema radical neutro envolveria, por assim, dizer, abandonarmos a nossa própria pele. Isso quer dizer que já estamos em cumplicidade com o ser que procuramos compreender, e assim, já estamos sempre mergulhados naquilo que queremos expor. Há, então, mais coisas com respeito ao ser do que metafísica estrutural-sistemática é capaz de dar conta. Uma teoria totalizadora, ainda que exerça uma atração tão irresistível, não explica tudo que existe. Não se pode, portanto, forjar tudo conforme seu sistema e negar a validade de qualquer coisa que não se reduz a ele. A busca por uma compreensão completamente absoluta e sistemática da realidade tropeça em limites que não podem ser superados por nenhum método sistemático. O ser não é apenas o ser que é identificado com Deus no interior de um sistema, e qualquer sistema deve anunciar a sua necessária incompletude.

No entanto, anunciamos uma pergunta no título desse trabalho: do ser se segue Deus? O ser é Deus? O ser, como vimos, se refere àquilo que por mais cedo que se chegue, ele já está lá. Não é nada além de um nome para uma facticidade que, por sermos finitos, não conseguimos superar. Ser não deve ser confundido com Deus. Ele não é o fiador transcendente. Deus, mesmo em Walter Benjamin, é um nome para uma promessa ainda não cumprida e não aquilo que desde sempre e de todo modo está aí. Mesmo para compreender o conceito de Deus precisamos lançar mão da compreensão do ser. O ser, portanto, não é idêntico a Deus. E se não há ponte entre ser e Deus então estamos sós no mundo. Podemos criar mitologias, mas, no fundo, não há como nos livrarmos de nossa solidão metafísica. Uma vez que abandonamos a ponte entre ser e Deus, compreendemos que o mundo é feito por nós. E isso quer expressar a ideia de que sempre resta algo a se fazer e que não podemos fugir da ciência procurada. A mitologia pode nos auxiliar a suprimir esse vazio, mas sempre que avançamos a mesma conclusão se impõe: *estamos sós*.

É justamente porque do ser não se segue Deus que está em nossas mãos negociar e decidir como devemos entender o ser. O ser é como o tempo em Santo Agostinho. Sabemos o que ele é, mas assim que nos perguntam, já não sabemos. O ser não é Deus. O ser está mais próximo aos demônios. Ele fala como fala o demônio: *“meu nome é Legião, porque somos muitos”*.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampf. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

_____. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Sociologia*. Org. e Trad. Flávio R. Kothe. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.

GABRIEL, Markus e ZIZEK, Slavo. *Mitologia, Loucura e Riso: a subjetividade no idealismo alemão*. Trad. Silvia Pimenta Velloso Rocha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

IMAGUIRE, Guido. Resenha: Struktur und Sein, Tübingen: Mohr Siebeck, de Lorenz Puntel. In: *Filosofia Unisinos* v. 9, n.3.. São Leopoldo: Editora Unisinos, set./dez. 2008.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Teoria do ser primordial como tarefa suprema de uma filosofia sistemático estrutural. Síntese: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: Editora FAJE, v. 39, n.123, 2012.

PUNTEL, B. Lorenz. *Estrutura e ser: Uma quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2008.

_____. *Ser e Deus: Um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Levinas e J. L. Morion*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2011.

_____. Observações críticas sobre a resenha de Guido Imaguire da obra: *Estrutura e ser. Um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática. Síntese: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte: Ed. FAJE, v. 40, n.126, 2013.

RAHNER, Karl. *Geist in Welt: zur Metaphysik der endlichen Erkenntnis dei Thomas von Aquin*. München: Kösel-Verlag, 1957.

Recebido em: 1.º de abril 2017

Aprovado em: 17 de junho 2017